

Raça

Victor André Pinheiro Cantuário

Escritor e Professor na Universidade Federal do Amapá, Norte do Brasil.

Poema que celebra as milhões de vozes cujas identidades e culturas foram usurpadas pelo violento processo de exploração colonial.

Sejam daqui em fuga as musas postas
Outras serão as vozes invocadas
Para este canto que não rende tributos
Ao invisível e a forças imoladas
Louvores são a paga dos "menores"
Presentes nos espaços inumanos
Não renderei ofertas-sacrifícios
A esses deuses há muito venerados
Canto somente o sangue em meus canos
E a grandeza de meus antepassados
Canto a cor visível nesta pele
Muito mais densa que a tinta mais pura
Canto as correntes e os séculos fingidos
De liberdade abrindo suas feridas
De onde brotam as covas dos milhares
De desterrados sem nome e sem idade
De desterrados sem rosto e sem direito
Cuja verdade não é a dos registros
Nem das centenas de páginas deitadas
Nalguma torre nalgum diário régio
Que aqui sejam justamente versados
E sua memória ecoe vivamente
Que vejam pois de onde os ossos jazem
E clamem com a voz qu'inda lhes resta
Façam ranger da terra os pilares
E soçobrar a moral dos vetustos
Mesmo na hora de sua mor penúria
Farta herança deixaram aos pósteros
Mas não composta de materialidades
Sim de vivências e de oralidades
Marcando esses não como outrora foram
Co'aquele fogo aquecido no ódio
Por sua vez marcaram os vindouros
Co'ó fogo etéreo produzido no peito
Sejam meus guias na altura de mia vida
Não me abandonem na terra dos passados
Lugar de dor e de esquecimento
Mas me flanqueiem cercando lado a lado
E me garantam passagem bem segura
Pel' solo sacro irrigado co'ó sangue

Dos firmes canos de glória e de conquistas
E anulados por tempo já marcado
E derramados pelo Adão segundo
Eis pois Charruas Apaches Aruaques
Tupinambás e eis o ouro Preto
Quanto pesar e lágrimas em trilha
De Leste a Oeste por toda a sua estrada
Superiores à transparente forma
Porém legados aos coros e senzalas
Que mesmo hoje erguidos continuam
Sendo por ditos defensores da ordem
Da mesma ordem que iguala os diferentes
E não sustenta o múltiplo humano
Vejam que resta erguer os nossos punhos
E bradar forte por nossa liberdade
Seja o tempo nossa mor testemunha
E suas medidas o fio que nos costura
Chagas abertas pelo pesado fardo
Do Adão segundo criado noutra terra
Onde a luz de Apolo deita morta
Terra que leva o nome da iludida
Pelo trovão transmutado em touro
Adão caído fonte de decadência
Eis é a hora de engrandecer o ido
Pois o presente é infante sem fala
Engatinhando em busca de refúgio
Desesperado por notar-se sozinho
Venham os justos atrás de sua história
Reconstruir culturas apagadas
Contar o tempo como antes contavam
E cultivar sabedorias afanadas
Reerguer templos cidades cidadelas
Jardins arenas daquela arquitetura
Ignorada pelo urbano ego
Venham e sirvam ao natural e estendam
Aos semelhantes banquetes mais gentis
Celebrem pois com brindes a memória
Que outros tentaram fazer falhar nas bases
Impondo a nova que em si nunca foi boa
Perseguiremos de acordo com a regra

O estrangeiro sempre maleficente
 E deixaremos que veja o atentado
 Cruel cometido em nome de um cordeiro
 Santificado além do mar a Leste
 Nossos costumes parecem-lhe selvagens
 Mas habitamos a selva longo tempo
 Naturalmente punimos invasores
 E assim vivemos uma próspera era
 Interrompida devido à passagem
 Do elemento que a si julgava puro
 Não entendemos quais as suas vontades
 Já era tarde e nisso vacilamos
 Enfeitiçados por mil quinquilharias
 Interessados em brilhos e imagens
 Co'os quais trocamos aquilo que era nosso
 E refletindo como isso custou caro
 Houve entre nossas fileiras negadores
 Que entendiam a ânsia do urbano
 E entregaram cobrando baixo preço
 Por nossos bens e pela nossa carne
 Sua fraqueza logo tornou-se a nossa
 E nosso sangue em breve aguado
 Pela mistura com o Adão urbano
 Fraco em si mesmo seguindo a voz mais rasa
 A qual dizia e a ele ordenava
 Que expandisse seu reino pelos mares
 E novas terras e novos continentes
 E novos povos e novas testemunhas
 Foi pelo aço a nós tudo imposto
 Nossas belezas de nós foram tomadas
 Nossa nudez condenada qual vício
 Nossos dizeres foram silenciados
 Nossa linguagem de nós foi usurpada
 A ser usada como canal direto
 Co'ó deus rasante escondido nas nuvens
 O qual falava por sinais e por sonhos
 E ordenava: ceife o que é "feio"
 E o que atenta contra minha vontade
 Não importava se nós o entendíamos
 Não importava se a terra era nossa
 Não importava se éramos primeiros
 Naquele mundo que ele chamava "novo"
 Não importava se éramos os primos
 Da prima terra do globo habitada
 Fomos tirados de nossa própria casa
 Agrilhoados nos pés mãos e pescoços
 E engolidos pel' besta de madeira
 Cujo apetite era de oceanos
 E a vontade punha a correr as ondas
 Por entre os gritos de seus subordinados
 Não habitava em nós a esperança

Que nomeava o cabo contornado
 Não habitava em nós força de vida
 Humanidade não mais nos pertencia
 Entre as entranhas da besta de madeira
 Éramos bichos ralé coisa barata
 Amontoados no mesmo espaço estreito
 Até chegar ao mais cruel destino
 Viemos longe mas tantos sucumbiram
 Antes de sermos da besta vomitados
 Na condição de coisas cujo dono
 Arremetia com seus dedos compridos
 Abrindo sulcos em nossas duras carnes
 Endurecidas com o passar do tempo
 Mais castigada pela luz de Apolo
 Humanidade não mais nos pertencia
 Éramos coisa vendida a baixo preço
 A veia aberta jamais cicatrizara
 O dedo longo do "mestre" amolecia
 A carne dura tingida diferente
 Fomos traídos por nosso semelhante
 Denunciados por planejarmos fuga
 Ao tronco atados pelos "nossos" senhores
 E fustigados cedendo ao lenho amargo
 Cheiravam forte o sangue com a água
 Que escorriam do corpo alquebrado
 Bicho adestrado foi o que nos tornaram
 Obediente aos pés de "seus" senhores
 Desde o ventre que nunca fora livre
 Entre as fileiras dos pelotões de Lincoln
 Credo em promessas longinquas de De Gaulle
 Sempre visados com grande indiferença
 Travando guerras que não nos pertenciam
 Mascando o fumo daquele puritano
 Nutrindo com o nosso leite os filhos
 Dos plantadores de algodão e cana
 Crucificados pelos triplos da capa
 Tostados qual leitão sem ser comido
 Ó sina crua quando te atiçamos?
 Em que momento roemos tuas vestes
 E nos voltamos contra tua vontade?
 O espaço nosso atrás estava escrito
 Pelas calçadas andar nós não podíamos
 Nos bancos bares lojas e templos sacros
 Nossa presença jamais fora benquista
 Mas nossos dedos serviam para as armas
 E nossos pés para espantar o estranho
 E nossas coxas pra serem afastadas
 E nosso útero para ser preenchido
 E nossas bocas para serem mordidas
 E nossos peitos para serem sugados
 E nossa cor pra ser sempre mal-dita

Eis que passou o tempo de aflições
E os castigos mesmo os silenciados
Deverão ser em breve esclarecidos
E todo crime há de ser enfim bem pago
Nenhum mais cativo nos detença
Esqueçamos a terra chamada Babilônia
Entoemos os cantos de nossos grandes sábios
Eia pois avancemos sem temor nos caminhos
Quebrems ferro e aço grilhões de todo tipo
Permitamos que vejam nossa marcha potente
Herdeiros mais diretos das primeiras nativas
Cuja matéria plena a matéria mais pura
De que pois somos feitos sem conter um defeito
É a terra macia de nossa Terra anciã.